

As Fontes Documentais:

Análise da Vida Quotidiana e elementos para a História
Social e Educativa

Ernesto Candeias Martins

0. Questões Preliminares

Nesta pequena análise de reflexão gostaria de levantar algumas problemáticas referidas às orientações da investigação educacional, numa perspectiva de utilização pluridisciplinar da informação, na organização e tratamento dos espólios nos arquivos locais públicos (municipais e distritais), nas fontes documentais para uma história social (por exemplo da criança, da mulher...) e nas fontes de análise da vida quotidiana (maior incidência no ambiente escolar, social e comunitário).

Actualmente, a História das Ideias (qualquer história é já história das ideias)¹ exorta à história cultural e é um bom alimento para a história social e educativa, nessa tentativa de análise da possibilidade do passado. Por isso, exige-se metodologicamente (apostamos pelo âmbito hermenêutico), por um lado, à utilização pluridisciplinar da informação e a respectiva conceptualização e, por outro lado, à prática de um discurso transdisciplinar na compreensão do "factum" (no caso presente da história da educação constitui os desafios actuais) da realidade histórica significativa.

Efectivamente, reivindicamos uma historicidade do quotidiano escolar e social (principalmente da criança em processo de formação), desde a perspectiva da história da educação, que deve orientar-nos, à partida, o debate sobre as fontes documentais de análise. Não há motivo para que essa mesma análise da vida quotidiana se reduza a aspectos cronológicos tão efémeros.

A imagem (incluindo a iconografia) reforça a ideia, o quotidiano, assemelhando-se aos círculos que se expandem à volta de uma pedra lançada na água. Ela ilustra as dificuldades sentidas na investigação empírica, isto é, as

¹ Cfr. Os artigos e reflexões do Prof. Dr. José Esteves Pereira:
-(1983). "Sobre História das Ideias". In *Jornal de Letras*, n.º 62, de 5 a 18 de Julho
-(1983). "Recensão à obra de Owen Chadwick", (pp. 560-562). *The Secularization of European Mind in the Nineteenth Century*. In *Cultura*, Vol. II
-(1984). "Sobre a História das Ideias". In *Jornal de Letras*, n.º 98, de 22 a 28 de Maio

dificuldades de apreensão das facetas do quotidiano sem mantermos uma "distância no tempo", unido às tendências de subjectividade da interpretação da informação.

As ciências sociais e humanas aspiram a interpretar e explicar a acção social e educativa, numa tentativa de descrever as estruturas fundamentais do (pré)científico da realidade (mundo da vida quotidiano) em estreita correlação com as posições da sociologia e pedagogia da vida quotidiana, tão ancoradas à teoria como à praxis, embora esta seja o seu ponto de partida.

1.-As Orientações da Investigação Histórica e Educacional e a Organização dos Arquivos Locais

Assistimos, actualmente, a um movimento de extensão dos fenómenos culturais, sociais e educativos, simultaneamente em termos conceptuais e em termos empíricos. Um dos traços significativos parece ser a questão dos valores culturais padronizados de origem urbana/sub-urbana e rural e a conseqüente revalorização da cultural tradicional e local/regional, dos saberes populares, dos objectos e gestos e vivências do quotidiano, etc. Daí que apostamos pela elaboração de histórias locais ou histórias das comunidades locais, integradas em estudos comparados ao nível nacional e europeu, mas bastante dependentes do modo organizacional e de tratamento documental nos arquivos locais (municipais, distritais, etc) e outros centros de documentação de organismos públicos.

Não pretendemos nesta breve abordagem analisar as raízes, nem o percurso dessa tendência, mas justificamo-la pela eclosão do problema dos arquivos locais e regionais. De facto, a capacidade de iniciativa e a autonomia do poder local, fruto das alterações políticas e administrativas do 25 de Abril, das diversas campanhas em defesa do património cultural ao nível local, por um redobrado interesse da realidade e da cultura e, também, o aparecimento de cursos de formação de pessoal especializado em documentação e arquivos, justificam essas manifestações em prol da cultura e da educação.

Tem havido aspectos de mudança pela atitude que algumas Câmaras têm demonstrado pela história local, pela organização dos seus arquivos, allado à definição da carreira de investigador e ao financiamento de projectos de investigação, o que faz afluir equipas de especialistas a esses centros arquivísticos que são muitos e variados se a eles juntarmos os espólios das instituições sociais e educativas (públicas e privadas como, por exemplo, as misericórdias, as várias associações recreativas e culturais, os colégios, seminários, etc.).

Essa variedade complementa-se com uma massa de informação relacionada com o "modus vivendi" das populações por áreas administrativas (por exemplo, lembremos os registos de baptizado, das propriedades, de óbito, dos cargos públicos, dos testamentos, do associativismo e criação de organismos sociais, das actas das sessões dos organismos locais, de demografia, etc.), já expressas em várias monografias ou memórias locais.

As novas orientações e reflexões historiológicas e, em especial na história da educação² (Nóvoa, 1996), permitem-nos insistir na actualidade destas problemáticas e dos arquivos locais, o que faz desenvolver uma historiografia *renovada e alargada a vários métodos que satisfaçam as exigências arquivísticas*, da investigação em educação e do desenvolvimento cultural e patrimonial. Contudo, este facto não impede a elaboração de um plano integrado de apoio pelas autoridades e organismos locais na criação e organização dos arquivos e no tratamento dos espólios. Queremos com isto dizer que é urgente:

- *-diagnosticar a situação actual (inquérito ou análise aos arquivos locais);
- *-definir normas mínimas e condições básicas de preservação, de segurança, de acessibilidade aos investigadores e ao público, etc;
- *-criação de serviços de apoio à elaboração arquivística, à investigação e maiores disponibilidades financeiras (implicar os organismos públicos, as empresas);
- *-estabelecer critérios de catalogação e de publicação ou inventários como modo de tratamento da diversidade das fontes.

² Cfr. as reflexões da comunicação do Prof. Dr. A.Nóvoa no 2.º Encontro de História da Educação em Portugal da Secção de "História da Educação" da SPCE em Braga no dia 8 de Novembro de 1996 com o título "História da Educação: Reflexão historiológica." (Documento policopiado),

2.-Fontes na Análise da Vida Quotidiana

A vida quotidiana salta à nossa vista, e essas impressões podem ser investigadas. A temporalidade do quotidiano não se reduz a uma temporalidade cíclica, vivida exclusivamente no presente, há uma história de vida (quotidiana) que não deve ser encarada como uma história marginal. Sabemos que a história tem lugar na vida, no quotidiano, por isso o investigador tem dificuldades em localizar as fontes precisas que documentem essas vivências sociais, educativas e culturais.

2.1.-Método Biográfico. História de Vida, Memórias e Biografias

A biografia dá ao leitor impressões como:

- (i.)-a da existência de um certo quotidiano que escapa aos sentidos do investigador e que tem a ver com os factos e os pequenos incidentes da vida diária ou do modo de viver; e
- (ii.)-a necessidade de biografias menos documentadas, que pelas suas especulações fazem parte do património do saber popular (sentido comum).

Pensamos que será possível conceptualizar (sócio-pedagogicamente) o quotidiano a partir das apreensões de senso comum. Para os etnometodólogos (inspirados na fenomenologia), os dilemas impostos à sociologia da vida quotidiana (Heller, 1977), são dilemas impostos às ciências humanas, como, por exemplo, as relações entre a interpretação dos "símbolos" e a explicação dos factos (hermenêutica), a relação entre o "texto" e o "contexto" e entre o deliberado e o determinado, entre a teoria e a prática, isto é, entre a objectividade e o compromisso do discurso.

Os métodos utilizados na apreensão do "real / social" encontram-se nos pormenores empíricos e no próprio sentido da vida quotidiana. Há uma insistência dos etnometodólogos pelos significados subjacentes das relações sociais e educativas no mundo de "sentido comum" (observação naturalística) com a sua própria linguagem, na natureza activa e consciente das formas de conduta socio-educativa e no carácter emergente (contextual) do significado e, por último, na indução com base nas experiências e perspectivas comuns compartilhadas (Schutz y Luckman, 1977: 24 ss) por quem participa na vida social, cultural e educativa.

Contudo, não deixamos de levantar duas interrogações pertinentes: Pode a justificação do apelo ao método heurístico permitir ver o universal através do singular? Como indagar o objectivo fundado no subjectivo, isto é, pode a subjectividade inerente a uma autobiografia constituir o suporte de um acontecimento científico?

Ambas as respostas atendem a que os documentos biográficos (memórias, biografias, histórias de vida ou orais...) não podem ser considerados como formas passivas de uma entidade individual, isolada. O individuo é uma síntese complexa de elementos sociais (Ferraroti, 1983: 50-66), em que o relato biográfico revela uma prática humana. Por isso, cada biografia aparece como síntese de uma história social e, cada comportamento ou acto individual aparece como derivado da estrutura social (e educativa ou cultural), do sistema social à biografia. Ou seja, o sistema social e cultural manifesta-se sempre na vida (individual e institucional), de tal forma que pode ser apreendido a partir da especificidade das práticas individuais. O mais interessante são as práticas colectivas ou comunitárias (Durkheim, 1980) a que os comportamentos individuais estão subordinados.

Na análise do quotidiano, o método biográfico atribui à subjectividade um valor de conhecimento que constitui um modo de compreender a realidade social e cultural. É certo que ele assenta em elementos autobiográficos, sujeitos a deformações de um "sujeito-objecto" de observação, dos efeitos da participação do entrevistador junto do depoente e dos mecanismos de manipulação e tratamento dos dados pelo entrevistador. Contudo os testemunhos (auto)biográficos constituem sociologicamente factos objectivos (Poirier, Clapier-Valladon et Raybant, 1983: 37-41). É discutível falar de validade de representatividade e de credibilidade de uma biografia, pela qual se constroem generalizações⁴ indutivas (memórias, autobiografias -verdadeiros projectos de vida).

F. Ferraroti (1983: 87ss) estabelece dois níveis de representatividade na utilização possível da biografia, a saber:

*-o método biográfico serve como meio de verificabilidade de um modelo interpretativo, isto é, a escolha das biografias "representativas" obedecem a critérios (aspectos do método hermenêutico e descritivo) e a elementos sobre a vida individualizada. Esta redução do método biográfico a uma função de controle não implica um juízo desvalorizador desse método;

*-o método biográfico pode constituir um método heurístico activo, deixando de lado a função de controle dos modelos já elaborados, passando a ter capacidade de dar origem a modelos interpretativos.

Parece-nos que a escolha das "biografias representativas" de um dado universo socio-cultural não depende da intuição sociológica do observador, como sugere Ferraroti (1983). A intuição sociológica incide ao nível das hipóteses de investigação e da sua respectiva comprovação (tratamento dos dados). Deste modo, há uma relação dinâmica e um sentido duplo entre aquelas utilizações da biografia, isto é, as problemáticas a investigar determinam a selecção das fontes a utilizar e, por outro lado, a utilização das fontes influi na constituição das hipóteses e problemáticas de investigação.

2.2.-As Fontes literárias

A utilização do método biográfico e das fontes literárias na análise da vida quotidiana apresentam algumas problemáticas. Entre a realidade social e a (re)criação literária medeia uma relação, pois esta não acerta com o processo social (educativo) (precede-o ou afasta-se dele).

No século XIX a literatura dá-nos uma visão burguesa do quotidiano devido ao vínculo dos escritores com a burguesia. O novelista apreende a realidade segundo a ideologia particular ou as contradições ideológicas manifestadas. Recorrer à citação dessas fontes, mesmo na arte de citar, envolve riscos, contudo cremos que essa literatura pode ajudar-nos no estudo da vida quotidiana e, principalmente, nas relações e (re)construção ambiental.

É certo também que a linguagem utilizada nos personagens da novelística pode diferir da linguagem histórica real, mas ambas as linguagens remetem para um mesmo código constituído pelas conjecturas e condicionantes socio-culturais e educativos (paralelismo entre o romance e a sociedade). Para tal a *análise de conteúdo (hermenêutica)* deve incidir sobre o texto como meio de verificação das hipóteses da investigação. A análise de conteúdo (Bardin, 1988) funciona como método ou estratégia de análise das condições sociais/culturais de produção do discurso, das características ou factores determinantes do corpo do texto a analisar.

- texto novelístico pressupõe que não existe sociedade sem história e vice-versa. Daí que as fontes literárias são expressões do social, em que a vida e a história social/educativa e cultural são suportes das formas novelísticas (a realidade que nelas se expressa é uma encruzilhada de acontecimentos da vida quotidiana que dão sentido à história, a historicidade significativa e representativa).

2.3.-As Fontes Audiovisuais

Sabemos que as fontes documentais tradicionais apoiam-se fundamentalmente no texto. Actualmente, ainda dominam nas investigações educativas essas fontes escritas, nas suas múltiplas vertentes de investigação histórica, sociológica ou psicopedagógica. Sabe-se que, durante muito tempo, a análise de conteúdo foi sinónimo de análise de fontes escritas, mas nas últimas décadas a valorização do texto frente às outras componentes informativas do "quotidiano" implicou algumas mudanças. Referindo-nos à "vida quotidiana", esta deve ser entendida também como englobando os canais de informação auditivo e visual. Desta forma, obrigou-se o investigador a recorrer às fontes audiovisuais: análise do conteúdo semântico das mensagens / imagens e da informação estética no plano audiovisual.

Por outro lado, o papel que os "Mass Media" desempenham na sociedade postmoderna de grande desenvolvimento tecnológico, com novos discursos (Habermas) no âmbito dos meios de comunicação (mantêm uma dialéctica entre o meio de informação dominante e a sociedade), determinam a que os investigadores utilizem como complemento de análise essas novas fontes documentais. Aliás, há a

tendência progressiva de conversão (tradução das "tecnoimagens")³ das fontes escritas em fontes audiovisuais.

As fontes de informação dominam, com efeito, a análise do "quotidiano. Por exemplo, o sair à rua numa povoação ou bairro, o ir a uma escola ou instituição social, gera estímulos cientificamente dirigidos (posters, cartazes, sistemas de informação, figuras, objectos, etc.) que reclamam a percepção do investigador (sensibilidade). Essas imagens sobrepõem-se às coisas, esclarecendo o significado das representações e das reacções sociais do dia à dia. É que as fontes audiovisuais estão condenadas a servir de pré-texto aos acontecimentos, às circunstâncias, às acções sociais⁴ do "quotidiano", exercendo no investigador uma influência activa.

Finalmente, parece-nos que a "vida quotidiana" se encontra, regulada e controlada pelos "meios de informação". As fontes audiovisuais assumem-se na investigação, não apenas como fontes de informação mas, fundamentalmente, como fontes de estruturação do "quotidiano". Esta nova, mas paradoxal situação, leva-nos ao debate da concepção tradicional de fonte documental. Cremos que esta deixou de se constituir como um instrumento passivo, transformando-se num elemento activo de orientação à análise do "quotidiano" em geral.

³ Trata-se do fenómeno da passagem da história à "pós-história", isto é a tradução de textos em tecnoimagens transforma a história em matéria-prima de realização de filmes, videos, programas audiovisuais, em que todos os acontecimentos, acção e factos históricos constituem o "pre-texto" (da tecnoimagem) para a "pós-história". Social e educativamente as tecnoimagens são uma importante fonte de informação documental na análise da vida quotidiana (social, escolar, comunitária,...).

⁴ Há duas definições conhecidas de acção social: (i.)- M. Weber em que a acção social é subjectiva, com critérios internos dos sujeitos activos; e E. Durkheim que é objectiva ao determinar o carácter social da acção a partir de "constrangimentos" que se exercem do exterior sobre a acção dos sujeitos. Durkheim (1980) utiliza dois critérios objectivos para determinar esse carácter social da acção humana: a exterioridade do "agir", do "pensar" e do "sentir" em relação às pessoas e, o constrangimento que sobre elas exercem.

Ideias Conclusivas

Do que expusemos anteriormente, desejaríamos retêr algumas ideias finais sobre esta problemática das fontes documentais ao nível da história da educação:

(1.)-Necessidade de construir um sistema de arquivos de cariz descentralizado -política arquivística e documental (nível municipal e distrital), pondo em prática formas de apoio efectivo, formas de sensibilização aos investigadores dos vários âmbitos do saber para que apresentem projectos que reflectam esse interesse pela realidade cultural e educativa portuguesa do passado e, em especial, a vida quotidiana.

(2.)-O problema das fontes é um problema global de método, sendo urgente que os investigadores respondam às disponibilidades dos arquivistas e dos documentalistas. Daí que se justifica uma nova atitude científica que venha a possibilitar uma frutuosa transdisciplinaridade na comunicação e na abordagem com o passado. Muitos dos investigadores (âmbito das ciências sociais e humanas) preocupam-se pela reflexão sobre as práticas e a conceptualização das informações, com novas convenções de discurso e uma pluralidade de métodos historiográficos. Não esqueçamos que a interrogação pelo "tempo histórico" (engenho reconstutivo dos acontecimentos tal qual se passaram, na dimensão puramente quantitativa da informação ou na estruturação qualitativa e significativa) gera as próprias fontes.

(3.)-Sabemos pouco da sociedade portuguesa (nível sócio-educativo), principalmente a anterior ao século XIX, apesar das referências das obras clássicas de alguns historiadores. Se queremos entrar a fundo nas realidades do passado será preciso recorrer às fontes primárias, aos arquivos, à análise dos documentos e dos

manuscritos das chancelarias reais, dos foros, da legislação (diplomas do Reino e da República), dos testamentos e inventários, da correspondência e respectivas polémicas parlamentares, dos arquivos judiciais, dos cartórios da nobreza e cartórios notariais, dos espólios das instituições sociais/educativas e religiosas, etc. Explorar estes tipos de documentos permitirá estudos de tipo socio-educativo ou socio-económicos e culturais, estudos das mentalidades da época e dos grupos sociais, indo além das afirmações baseadas em fontes secundárias ou de meras intuições.

(4.)-Reflexão teórica e metodológica sobre a utilização de algumas fontes documentais na análise da vida quotidiana escolar, social, cultural, seja de um personagem, de uma instituição, de uma povoação ou comunidade.

(5.)-A análise à vida quotidiana (em termos sociais, culturais e educativos) aponta várias dificuldades de localização de fontes precisas, por exemplo as relacionadas com:

a.)-as *fontes documentais escritas* (são as que mais intimamente nos fornecem melhor informação do "quotidiano") que se apresentam dispersas nos centros de documentação, arquivos e bibliotecas. É bastante comum a carência de catálogos sistematizados relativamente aos temas genéricos sobre os quais incidem os conteúdos. A preservação, o tratamento dos espólios e da informação estão por fazer que na maior parte das bibliotecas ou centros de documentação. Por isso, intentar reconstruir a vida quotidiana de um personagem, de uma instituição, comunidade, povoação ou região implica fomentar novos estudos bibliográficos e de fontes;

b.)-as *fontes orais* constituem um instrumento válido na verificação de hipóteses enunciadas e documentadas previamente e na confirmação analítica das fontes escritas (bibliográficas), além de permitirem a realização de uma história interpretativa a partir dos dados (impressões, opiniões, sentimentos crenças, etc.) (Vidigal, 1996), que

difícilmente se extraem das fontes tradicionais⁵ Será necessário em alguns métodos e estratégias de investigação (entrevistas, observações) construir marcos conceptuais metodológicos ("mapeação" de categorias), contudo reconhecemos vários problemas na utilização das fontes orais (validade e credibilidade da informação recolhida);

c.)-a "*história oral*" que deve ser fomentada, com o incentivo de formação de departamentos nas instituições de ensino superior (Escolas Superiores de Educação, Faculdades de Ciências de Educação e de Ciências Sociais e Humanas), destinados a promover investigações com base nas técnicas e métodos de história oral, história de vida, biografias, etc.(metodologia qualitativa). Nesta ideia orientativa seria bom constituir arquivos de opinião e de vida quotidiana (social, escolar, cultural...) que pudessem servir como meios ou "recursos" de análise a futuros professores e formandos. Cremos que as fontes orais constiuem a maior aproximação às facetas do "quotidiano" (pedagogia da vida), à "vida íntima", à realidade social e educativa, às crianças inadaptadas escolar e socialmente, etc..

d.)-a análise crítica às *fontes audiovisuais*, de modo a contribuírem para uma melhor aproximação à vida quotidiana entendida no sentido de uma (re)invenção dessa vida, evitando a imposição do exterior dos "meios de comunicação social" como consumo, mas sim valorizando-as como fontes de informação (dimensão documental), de inspiração e de modelação dos estilos de vida ritualizados ou banalizados.

(6.)-O objectivo de qualquer investigação é que se realize em *equipa*, com *projectos apoiados financeiramente* (esta é a orientação actual do Ministério de Ciência e Tecnologia e de outros organismos governamentais, ao concederem verbas para a realização de projectos coerentes de utilidade científica). Mais ainda, nesta época em que a cooperação internacional e europeia oferece aos investigadores oportunidades de se associarem, estudando catálogos, inventários, modalidades

⁵ É sugestivo para a história interpretativa, com base nas fontes orais os estudos do Dr. Luis Vidigal no "Projecto Museológico sobre Educação e Infância" na ESE de Santarém, a sua obra "Testemunhos Oraís na Escola" (1996) e as informações orientativas das "Actas de las Segundas Jornadas de Investigación Interdisciplinária" - Organizadas em 1984 pelo "Seminário De la Mujer en la Historia de España (siglos XVI-XX)-Universidad Autonoma de Madrid.

práticas de consulta/exploração e de tratamento de documentos e manuscritos (metodologia do manuseamento), potencializando nas diversas áreas dos saberes, em especial o "educativo", um espírito de mútua colaboração.

Bibliografia

- ADÃO, Áurea (1984). O Estatuto Socio-Profissional do Professor Primário em Portugal (1901-1951). Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência /F.C.G.
- BARDIN, Laurence (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- BERTAUX, D. (1976). *Histoires de vie ou récits de pratiques ? Méthodologie de l'approche biographique en sociologie*. Paris: Cordes
- CAUNCE, Stephen (1994). *Oral History and the Local Historian*. London/N.York: Longman
- DUARTE, Ana (1993). *Educação Patrimonial. Guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*. Lisboa: Texto Editora
- DURKHEIM, E. (1980). *As Regras do Método Sociológico*. Lisboa: Ed. Presença
- FERRAROTI, Franco (1983). *Histoire et histoires de vie. La méthode biographie dans les Sciences Sociales*. Paris: Librairie des Méridiens Klincksieck
- FRANK, Marie-Thèrese (1992). "L' Histoire orale et l'éducation". In *Histoire de l'Éducation*, n.º 53 (Jan.), pp. 13-40
- HELLER, Ágnes (1972). *História y Vida Cotidiana*. Barcelona: Ediciones Grijalbo
- HELLER, Ágnes (1977). *Sociologia de la Vida Cotidiana*. Barcelona : Península
- INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL e do LIVRO (1993). *Dicionário de Terminologia Arquivística*. Lisboa: IBNL -Organismo de Normalização Sctorial para a Informação e Documentação
- LUCAS, Ph. (1981). *La religión de la vie quotidienne*. Paris: PUF
- MARINAS, J. M. y SANTAMARIA, C. (1993). *La História Oral: Métodos y Experiencias*. Madrid: Editorial Debate
- MARTINS, Ernesto C. (1996). *Sínteses de Investigação Qualitativa*. Castelo Branco: Publ. ESE de Castelo Branco (Documentos Pedagógicos)
- NÓVOA, A. (1988). "O Método (Auto)Biográfico na encruzilhada dos Caminhos (e Descaminhos) da Formação de Adultos". Em *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2), pp. 7-20
- NÓVOA, A. (coord.) (1992). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora
- NÓVOA, A. e FINGER, M. (org.s) (1987). *O Método Auto-Biográfico e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde

- NUNES, Natália (1981). *Memórias da Escola*. Lisboa: Didáctica Editora
- MATTOSO, J. (1992). "Os Arquivos Oficiais e a Construção Social do Passado". Em *Actas do Encontro da Associação de Professores de História, A Construção Social do Passado* (pp.25-33). Lisboa: Publ. da Associação de Professores de História
- PASSERINI, Luisa (org.) (1978). *Storia orale. Vita quotidiana e cultura material delle classi subalterne*. Torino: Rosenberg & Sellier
- PENEFF, J. (1990). *La Méthode Biographique. De L'École de Chicago à l'histoire orale*. Paris: Armand Colin
- PERKS, Robert (1992). *Oral History. Talking about the Past*. London: The Historical Association
- POIRIER, J. ; CLAPIER-VALLADON, S. et RAYBANT, P. (1983). *Les récits de vie, théorie et pratique*. Paris: PUF
- SCHWARTS, H. y JACOBS, J. (1984). *Sociologia Cualitativa. Método para a reconstrução de la realidade*. México: Trillas
- SCHUTZ, A. & LUCKMAN, Th. (1977). *Las Estructuras del Mundo de la Vida*. Buenos Aires: Amorrortu Ed.
- SILVERMAN, D. (1993). *Interpreting qualitative data: Methods for analysing talk, text and interaction*. London: Sage Publ.
- VERHAEGEN, B. (1974). *Introduction à l'histoire immédiate*. Gembloux (Belgique): Duculot
- VIDIGAL, Luis (1993). "História Oral". Em *Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância*, n.º 16 (ESE de Santarém)
- VIDIGAL, Luis (1994). "História Oral e Projectos Pedagógicos". Em *Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância*, n.º 19 (ESE de Santarém)
- VIDIGAL, Luis (1996). *Os Testemunhos orais na Escola. História Oral e Projectos Pedagógicos*. Porto: Edições Asa
- WOODS, P. (1987). *La Escuela por dentro. La etnografía en la investigación educativa*. Barcelona: Editorial Paidós
- ZONABEND, Françoise (1980). *La Memoire Longe Temps et Histoire au Village*. Paris: PUF.